

A Fotográfica do Movimento “Vem Pra Rua” nas Redes Sociais Digitais do ‘Mídia Ninja’, no Facebook¹

Carlos Alberto de SOUZA²

Ofelia Elisa Torres MORALES³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, PR

Resumo

A virada do século mostrou a potência que representaria a Internet, principalmente com a eclosão de movimentos sociais em rede. Optando por uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisa, por meio de imagens propagadas no Facebook do Mídia Ninja, a importância que representou a fotografia na divulgação do movimento Vem Pra Rua (2013), partindo-se de uma análise de conteúdo e interpretação das fotos nos *posts* publicados, levando em conta as técnicas fotográficas e sentidos da fotografia. A partir de observação direta, coletou-se 662 posts, de 01 de junho a 03 de julho de 2013, focalizando-se em nove *posts*, com fotos e textos. O critério de inclusão foi o nível de engajamento dos internautas, considerando-se o maior número de curtidas e compartilhamentos. A análise de conteúdo privilegia a imagem como uma unidade de análise que assume, neste episódio, igual importância ao texto.

Palavras-chave: Mídia Ninja; Vem Pra Rua; Jornalismo; Fotografia, Política

1. Introdução

Com a deflagração do Movimento Vem Pra Rua no Brasil, viabilizada pelas Redes Digitais de Computadores e facilitado pelos dispositivos móveis de comunicação (*tablets*, telefones celulares), percebeu-se a importância da internet na divulgação de fatos e na mobilização da

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual, GP Fotografia, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenador do Grupo de Pesquisa Fotojornalismo, Imagem e Tecnologia. Líder do Grupo Foca Foto. Autor dos livros *O Fundo do Espelho é Outro* e *Telejornalismo e morte*. Autor e organizador da *Coleção Imagética: lições de fotografia e fotojornalismo* e da *Coleção Mídias Contemporâneas*. Contato: carlossouza2013@hotmail.com

³ Pós-Doutora em Comunicação Social pela Cátedra UNESCO da Comunicação e Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Doutora em Jornalismo e Mestre em Rádio e TV pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Graduação em Ciências da Comunicação, com habilitação em Cinema, Rádio e TV pela Universidade de Lima, Perú. Integrante do Colégio de Brazilianistas da INTERCOM. Autora e organizadora da *Coleção Imagética: lições de fotografia e fotojornalismo* e da *Coleção Mídias Contemporâneas*. Contato: ofeliatm@gmail.com

sociedade. No universo digital *online* em tempo “real”, a informação ganha uma dimensão jamais vista, o mesmo tempo em que alcança potência a informação jornalística. Por meio da internet e das redes digitais móveis, foi possível mobilizar a população contra aumentos abusivos, desmandos e corrupção política em nível regional e nacional.

Pela rede mundial de computadores, era possível saber quase que imediatamente o que estava acontecendo em várias partes do Brasil. A insatisfação do povo com os governos (municipais, estaduais e federal) alcançou rapidamente todos os cantos do país e, ao mesmo tempo, as mensagens que circulavam na rede motivaram outras pessoas, especialmente os jovens estudantes, a ir para o ‘enfrentamento’, a sair pelas ruas e praças da cidade para pedir transparência aos governos e, antes de tudo, a moralização da política.

A manifestação veiculada via internet e que teve seu auge nos meses de junho de julho de 2013, a partir do Vem Pra Rua, motivou as pessoas a abrir o computador ou mesmo seu celular e participar desse movimento, seja indo para as ruas manifestar sua contrariedade, ou por meio de mensagens que correram o mundo. Ao mesmo tempo, graças à convergência das mídias, proporcionada pela Web, o internauta podia ler notícia, ensaios, opiniões; assistir a vídeos, ouvir entrevistas, ver imagens da manifestação e acompanhar o desenrolar dos fatos.

Com as fotografias, que inundaram a rede, era possível compreender rapidamente o que se passava e o Mídia Ninja deu sua importante contribuição para a divulgação e interpretação dos fatos. Neste momento ímpar da história brasileira, o fotojornalismo cumpriu um papel fundamental. Por meio de milhares de imagens disponibilizadas na rede e nos dispositivos móveis, era possível compreender e interpretar a realidade brasileira, quando o povo colocava em cheque governos e governantes. A fotografia assumia a sua mais importante função democrática – o fato da imagem e suas mensagens serem facilmente entendidas e, também, pela capacidade rápida de veicular informação, como em um passe de mágica, no contexto social.

As pessoas veem a imagem e logo sabem do que se trata devido ao caráter do código imagético, principalmente o seu sentido denotativo (BARTHES, 1990) por expressar a realidade como ela se apresenta. Num outro aspecto, o conotativo, a compreensão do sentido da imagem está ligada ao conhecimento do contexto e da situação em que a imagem aparece.

Como já se observou, neste trabalho a atenção é nas fotos, no fotojornalismo, praticado pelo Mídia Ninja no episódio Vem Pra Rua (2013) que marcou de maneira

contundente uma nova forma de compartilhamento de notícias que têm como dinâmica a retroalimentação da informação de forma colaborativa.

Mostrar como o movimento Vem Pra Rua, ocorrido nos meses de junho e julho de 2013, teve visibilidade no Facebook do Mídia Ninja, no período de 01 de junho e 03 de julho de 2013. Para o desenvolvimento do trabalho, optou-se por selecionar fotos de alguns *posts* do Vem Pra Rua que tiveram maior repercussão, a partir do compartilhamento e do número de curtidas na rede social do Mídia Ninja. A escolha desse período se deve ao fato representar o início dos movimentos efervescentes, via RSD. Essa cobertura inicial mostra os caminhos do movimento social orgânico, que uniu não somente jovens, na sua maioria, mas a população como um todo.

2. A representação social do “Vem Pra Rua” a partir das imagens midiáticas nas redes sociais digitais (RSD)

A imagem deve ser entendida como um ‘traço do real’, uma parte retirada da realidade, mas que expressa aspectos dessa realidade. Na área jornalística, tendo em conta esta perspectiva, a fotografia dá credibilidade ao relato dos fatos. Acredita-se que algo aconteceu, que é verdadeiro, porque foi fotografado. Ele evidencia o acontecimento, traz a cena, o “clima” e os personagens da história para as páginas dos jornais, revistas ou aos meios eletrônicos/digitais. Os webjornais, os portais informativos, bem como outros meios de informação viabilizam a possibilidade de um fato, mesmo que local, ganhar o mundo por meio da internet e das redes sociais digitais (RSD).

Com o desenvolvimento das redes móveis e o aperfeiçoamento tecnológico na área da telefonia, a imagem acabou sendo potencializada e a web contribui sobremaneira para a difusão 'viral' desse tipo de informação. A rede de computadores interligados permitiu construir “um novo padrão de relações sociais, servindo-lhes como suporte material” (RECUERO, 2009, p. 142). Um protesto contra preços, contra a corrupção ou uma ação violenta, em qualquer país, logo alcança os quatro cantos do planeta e pode ser visto e até compreendido, em função da linguagem universal da imagem. Qualquer mensagem deste tipo pode ser entendida por malaios, hindus, vietnamitas, venezuelanos e até por indígenas que tenham acesso a rede de computadores.

As pessoas, ligadas 24 horas por dia à Internet, estabelecem laços e aproximações com outros sujeitos e grupos de todo mundo, compartilhando ideias, gostos, trabalhos,

hobby, amizade, solidariedade, lutas. Isso mudou significativamente o cenário cultural contemporâneo, fato motivado pelo surgimento e crescimento de sistemas computacionais de alta velocidade e *softwares* que permitem ampliar o horizonte de pessoas que viviam antes limitados a experiências em sua comunidade física, bairro, cidade ou país. Como observa Recuero (2009, p. 142), a comunicação de alta velocidade fez emergir várias formas de experiências e de relação no contexto social, favorecendo, ao mesmo tempo, um tipo de individualismo; mas, paralelamente, a formação de laços e o surgimento de outras ‘comunidades’. (WELLMAN, 2002b, *apud* RECUERO, 2009).

A ideia de Castells e Wellman do ‘individualismo em rede’ parece contraditória. Como é possível falar em “comunidade individual” se a comunidade consiste, justamente, em um grupo de pessoas? Ora, o papel do indivíduo na construção de sua própria rede social é preponderante. Na rede, o ator determina com quem irá interagir e com quem irá constituir laços sociais. (RECUERO, 2009, p. 142)

Mas como o próprio autor aponta, formam-se laços, criam-se comunidades específicas, reúne-se pessoas com os mesmos ideais, interesses e com isso fragmenta-se o conceito de comunidade tradicional, local em que as pessoas se ligavam por um território, objetivos e tradições comuns.

Segundo Recuero (2009, p. 143), “a comunicação mediada por computador é capaz de suportar laços especializados e multiplexos, que são essenciais para o surgimento de laços fortes”. Hoje este processo de fortalecimento dos laços de ‘novas comunidades’ foi facilitado por dispositivos comunicacionais como Facebook, blogs, Twitter e outros tipos de páginas, hospedadas na Web, que facilitam o relacionamento, a troca de informações e a postagem de textos, fotos, vídeos, áudios e todos os tipos de mensagens.

Para exemplificar, é importante dizer que o Facebook assumiu na atualidade uma dimensão sem precedentes na história de contato e troca de mensagens pessoais, entre grupos e mesmo sociedades. Ele se constitui em ferramenta potente para articular movimentos sociais, exigir moralidade na área política, estimular campanhas humanitárias, desvendar tramas, documentar acontecimentos. São múltiplos papéis que podem ser ativados por meio desta página na Web.

Quase que imediatamente, descobre-se o que está acontecendo com um amigo, o que está sendo planejado por uma determinada aula na universidade, ou mesmo a repercussão em rede de um ato ou desmando político. Graças à internet, as pessoas estão mais atentas aos fatos sociais ou mesmo são levadas pelos amigos a se posicionar diante de

algum acontecimento. O Facebook, segundo Santaella (2013, p. 319-320), serve como plataforma “para amplificar a superfície de contatos do usuário por meio de um contrato tácito que não é transgredido, embora possa ser efêmero”. A multiplicidade e a diversidade de grupos no Facebook é ressaltado por Sued (*apud* SANTAELLA, 2013, p. 320): há “grupos de pertencimento, de ócio, de debate e de defesa de causas”.

Nem todas as pessoas criam conteúdo para postar na rede e viabilizar sua dispersão pelos dispositivos móveis, que hoje faz parte do cotidiano das pessoas, “mas o simples fato de ter acesso já é em si uma mudança importante para a constituição de uma cultura da participação e do compartilhamento”. (VIANA, 2010 *apud* SANTAELLA, 2013, p. 316). Os conteúdos postados quase que ininterruptamente na rede, nessas páginas criadas e veiculadas nos computadores e dispositivos de telefonia móveis, segundo a autora, têm muitas vezes valor histórico, sociológico, documental e etnográfico.

Este tipo de página, somada a tantas outras criadas na Web, tem alterado a face do poder. Os movimentos ‘patrocinados’ e estimulados via rede cresceu muito nos últimos anos. A insatisfação com a política, com a corrupção, com os abusos econômicos tem propiciado manifestações, críticas e até revoltas sociais. Este é caso do movimento Vem Pra Rua que colocou o governo, o congresso e o senado brasileiro em xeque. Esta foi uma das primeiras manifestações no país - junho de 2013 -, marcante desse fenômeno de passagem do ‘virtual ao concreto’. A manifestação que começou em São Paulo, por causa do aumento dos preços das passagens de ônibus, e logo ganhou dimensão nacional, movimentando os jovens e as famílias em todas as partes do Brasil, mesmo em cidade do interior. Os movimentos sociais em rede se organizam no mundo virtual, concretizando-se na realidade do dia a dia, como diz Castells (2013, p. 162):

Os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito demonstração de movimentos que brotam por toda parte. [...] Ver e ouvir protestos em algum outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização, porque desencadeia a *esperança* da possibilidade de mudança.

O movimento acabou ganhando dimensão nacional, com reflexos no exterior. Os manifestantes ganharam as principais avenidas, praças e ruas das grandes cidades e os protestos foram midiaticizados, cobertos pela grande imprensa que também engrossou o coro por reformas na política, no processo democrático brasileiro e, também, contra o modelo

econômico adotado pelos governos municipais, estaduais e federal. Os movimentos sociais atuais, segundo o autor, estão conectados em rede de múltiplas formas.

O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento. (CASTELLS, 2013, p. 159-60)

Os jovens, que participaram ativamente do Vem Pra Rua, estão se engajando, participando e ajudando a decidir sobre muitas coisas de interesse coletivo. Foi isso que se verificou no Vem Pra Rua. O engajamento aos protestos está diretamente relacionado ao agir: “Conseguir motivar uma pessoa para que saia de sua zona de conforto e se mobilize para agir é exatamente o que chamamos de engajamento. (GABRIEL, 2013, p. 187). Enfatiza que “[...] as tecnologias digitais em redes causaram uma reestruturação na hierarquia de poder e liderança, horizontalizando-a e transformando-a [...] (GABRIEL, 2013, p.191).

E isso pode ser observado em parte nos movimentos sociais brasileiros que ocorreram recentemente no país, inclusive o que pedia o impedimento ou defendia a permanência de Dilma Rousseff na Presidência da República. A participação dos jovens no Vem Pra Rua foi significativa, mostrando sua esperança e vontade de mudança, apropriando-se dos dispositivos móveis e mobilizados ativamente, conforme afirma Castells (2013, p. 182): “o que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é que eles o farão. Móbil-izados”.

2.1 Jornalismo e mobilidade

O jornalismo também se transformou com os avanços tecnológicos. Hoje se tornou mais rápido e fácil cobrir ou veicular um fato, graças à internet e as páginas que as grandes revistas, jornais, ou espaços que rádios e emissoras de TV têm na Web, fora os outros veículos que funcionam de forma independente na rede. Firmino e Alves (2014) revelam um pouco da relação jornalismo e mobilidade:

A partir das transmissões ao vivo dos protestos pelo Mídia Ninja, as imagens tentam revelar o lado “B” das manifestações, muitas vezes não explorado na mídia massiva, razão pela qual eles declaram praticar um jornalismo nu e cru e divulgar fortemente em seus canais digitais. Neste modelo de ação colaborativa, não há restrições para ser um repórter ninja

ou um transmissor, [...] pode-se munir-se de celulares, estar acompanhando as manifestações e fatos sociais e transmitir ao vivo pelo TwitCasting. A ideia é que mais repórteres-ninja se aglutinem no Mídia Ninja para expandir as transmissões, aumentando a capilaridade do movimento em coberturas para uma pulverização comunicacional. (FIRMINO; ALVES, 2014, p.36).

Os autores explicam que “o jornalismo móvel constitui [...] um conjunto de aspectos do jornalismo contemporâneo como o domínio da gramática das tecnologias móveis e seus aplicativos, noção de trabalho multitarefa e multiplataforma em redações integradas ou convergentes” (FIRMINO; ALVES, 2014, p.40-1). Eles explicam que além da mídia tradicional, este espaço na Internet vem sendo assumido por outros atores e organizações que têm por interesse acompanhar os fatos e se posicionar diante deles. Um desses novos atores é o Mídia Ninja que exerceu um papel informativo e jornalístico muito debatido e valorizado no contexto social brasileiro. Na cobertura desse ‘evento’, ele assumiu um perfil e valores distintos do estabelecido ao longo do tempo pela chamada grande mídia.

2.2 O movimento da Fotografia na rede: o caso Mídia Ninja

Ao longo dos meses que se sucederam as Manifestações do Vem Pra Rua, a fotografia teve papel preponderante no processo de informação das pessoas. Jornais, revistas e webjornais veiculavam quase que diariamente o tema, por meio de texto e muitas imagens tiradas por fotojornalistas ou mesmo pessoas que vivenciaram este momento crucial da sociedade brasileira. Além de assumir a função informativa, colocando os leitores a par do que acontecia no país, a cobertura fotográfica do evento se revestiu de importância documental e histórica.

A foto tem esta característica de agregar várias funções no contexto social. Segundo Catalã (*apud* BUITONI, 2011, p.13), além do papel informativo, por retratar o acontecimento, registrando a presença, a fotografia tem mais três funções “comunicativa (a imagem estabelece uma relação direta com o espectador ou usuário); reflexiva (propõe ideias) e emocional (cria emoções)”. Para Machado (*apud* BUITONI, 2011, p.21):

[...] toda fotografia é sempre um ‘retângulo que recorta o visível’: O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significativo, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha que é a sua continuidade censurada. O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é

acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis.

Para Buitoni (2011, p.23), a fotografia tem como princípio a atestação, ele denota o que capturou, evidencia o objeto capturado. Ela procura certificar o acontecimento. É por isso mesmo que a fotografia assumiu importância na mídia, especialmente impressa e digital, pelo fato de evidenciar e fazer crer que aquilo que ela apresenta é verdade. Isso garante ao jornal, a revista e a outro meio, que atuando eticamente no campo do jornalismo, passe a ter credibilidade no cenário social.

Buitoni observa que a fotografia não explica nada, não interpreta; simplesmente, mostra. A autora fala sobre fotojornalismo, dizendo que este gênero está vinculado a valores informativos, opinativos e a difusão de mensagens por meio de um órgão dotado de periodicidade. “A relevância social e política, a relação com a atualidade e um caráter noticioso também ajudam a classificar esse tipo de foto”. (BUITONI, 2011, p. 90)

A maioria dos estudiosos da imagem aponta a natureza indicial da fotografia como um elemento fundante de seus usos e aplicações. O vínculo físico entre o referente e a foto é a pedra de toque que justificou a credibilidade e a veracidade dessa reprodução técnica. (BUITONI, 2011, p.55)

O jornalismo percebeu a importância da fotografia e passou a utilizá-la de forma massiva. Este campo, por meio de uma linguagem que envolve objetividade, transparência e verdade, passou, nesse seu discurso e filosofia, a adotar a fotografia como reprodução confiável do real [...]”. (BUITONI, 2011, p.55).

3. As imagens midiáticas no Facebook do Mídia Ninja: abordagens e escolhas

Tomando-se como prerrogativa as reflexões de Gabriel (2013), assume-se que dentro da diversidade de formas de engajamento que existem, a partir da perspectiva dos leitores das redes sociais digitais, como o Facebook, seriam os compartilhamentos, as curtidas e os comentários realizados uma forma de compreender a potência que as redes sociais, o texto e a imagem digital vêm assumindo na sociedade em rede.

É por meio dessa ação, realizada no mundo virtual, mas com repercussão na realidade concreta ao clique, que os leitores dão visibilidade a suas opiniões e, por isso, optou-se por analisar os “posts” com maior número de compartilhamentos e curtidas relacionadas ao Vem Pra Rua no período inicial do movimento, ou seja, entre os dias 01 de junho a 03 de julho de 2013.

Foram coletados 662 *posts* nesse período. Conseguiu-se acompanhar o início das manifestações do Vem Pra Rua junto ao Mídia Ninja no Facebook. Diversas temáticas, além do Vem Pra Rua, foram apresentadas nessa fase como a Marcha das Vadias, manifestações sobre a Marcha da Maconha, contra a realização da Copa, a luta dos salários de professores, entre outros acontecimentos nacionais e internacionais como manifestações na Turquia e no Egito. Os *posts*, em sua maioria, contêm foto, texto – espécie de *lead* –, e muitas das vezes se disponibilizou *link* para a PÓS TV, canal na Internet vinculado as propostas do Mídia Ninja.

A partir da observação direta, encontrou-se o primeiro *post* relacionado ao Vem Pra Rua no dia 06 de junho de 2013, iniciando com baixos números de compartilhamentos. Porém, o segundo *post* relacionado ao movimento, no mesmo dia, teve 920 compartilhamentos, com 569 curtidas, segundo mostra a Figura 01. O fato de representar a primeira postagem de relevância orientou os critérios de delimitação do corte e escolha da mostra, optando-se por analisar todos os *posts* que contivessem acima de 920 compartilhamentos.

O compartilhamento dos ‘*posts*’ traduz o engajamento que os leitores tiveram com o fato, com os textos e, no caso específico de análise, com as fotos veiculadas no Facebook do Mídia Ninja. Como mostra o Quadro 01, foram selecionados nove (09) *posts*, focalizando a análise de conteúdo das fotos, a partir de uma abordagem qualitativa.

Quadro 1 – *Posts* selecionados, no período de 01 de junho a 03 de julho de 2013, relacionados ao Vem Pra Rua, no Facebook do Mídia Ninja

Data	Temática	Local	Compartilhamento	Curtidas
06 Junho	Manifestação com Fogo	SP	920	569
13 Junho	Policiais disparando	SP	965	420
15 Junho	Manifestantes faixas Copa	DF	1.461	1.143
15 Junho	Faixa e Anonymous Copa	DF	3.051	671
17 Junho	Brasília manifestação	DF	9.596	4.609
17 Junho	Brasília sombras	DF	2.680	1.635
17 Junho	São Paulo Largo da Batata	SP	8.527	4.871
19 Junho	Coca-Cola SP Fogo Copa	SP	1.027	892
26 Junho	Amor e revolução	MG	940	1.882

Fonte: Observação direta dos autores a partir do Facebook do Mídia Ninja vinculado ao movimento “Vem Pra Rua”.

3.1 Análise das Imagens Midiáticas do “Vem Pra Rua” na rede social digital do Mídia Ninja



Figura 01 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento - dia 06 de junho de 2013
 Figura 02 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento - dia 13 de junho de 2013

As imagens acima (Figura 01 e 02) mostram dois movimentos que se perpetuaram ao longo da cobertura que a mídia fez do Vem Pra Rua. Um que revela a revolta dos manifestantes contra os preços do ônibus e contra a corrupção na política. Mostra os manifestantes aglutinados, imagem em *plongée*, revelando opressão, a um grande número de pessoas (Figura 01). A revolta assume grande dimensão e a insatisfação do povo que ateou fogo na rua para chamar a atenção sobre o protesto. O fogo tem um sentido bem específico e remete para a desordem, desobediência civil etc.

A segunda foto (Figura 02), que foi amplamente compartilhada, revela outro lado. O da repressão. O uso da força, de governos que se dizem democráticos, mas que colocam policiais na rua para dissuadir os manifestantes. A cena, dos policiais enfileirados, lado a lado, é uma barreira contra o avanço dos manifestantes. A imagem também revela que os soldados atiram na “multidão”. O Mídia Ninja, com estas postagem aponta para dois lados, para a insatisfação geral e para retratar falta de habilidade dos governantes com os protestos, que colocam em xeque o poder federal e estadual e mesmo municipal, já que o estopim do movimento tem início com o aumento do preço das passagens de ônibus em várias capitais e municípios brasileiros, por exemplo, os manifestos em São Paulo eram contra o Governo Geraldo Alckmin, do PSDB e ao mesmo tempo contra a administração da capital paulista, sob o comando de Fernando Haddad (PT). No entanto, vale frisar, o

movimento também colocou em interrogação governos municipais e estaduais em quase todo o Brasil. Havia, na época e ainda existe uma desconfiança geral a respeito dos políticos e da política. Os jovens e as famílias que foram para as ruas, queriam entre tantas outras reivindicações, a moralização da política e o fim da corrupção, que se tornou epidêmica.

A segunda imagem (Figura 02) remete a repressão e coloca em evidência os governos que combateram o militarismo ‘quase’ no mesmo patamar dos governos dos generais.



Figura 03 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento no dia 15 de junho de 2013 (Copa)
 Figura 04 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento no dia 15 de junho de 2013 (Copa)

Nas fotos publicadas no período analisado (Figuras 03 e 04), as tomadas continuam sendo em *plongée* (de cima para baixo – relacionando a condição de povo oprimido e sem voz), revela que a população é contra não somente as decisões unilaterais dos governos, que decidem as coisas por baixo do pano, sem consulta ao povo que o elegeu, como também descreve que os políticos não abrem a possibilidade de negociar a não ser a base de pressão popular. Com o evento Vem Pra Rua, o governo federal, liderado pela Presidente Dilma Rousseff, e outros governos (estaduais e municipais) começaram a se mexer, a mudar leis, a reduzir os preços de produtos e a abrir uma agenda de debates com os líderes do movimento e a ampliar o relacionamento com o povo, ouvindo o clamor das ruas. Isso em um primeiro momento.



Figura 05 – Post relacionado ao Vem Pra Rua - significativo compartilhamento no dia 17 de jun. de 2013
 Figura 06 – Post relacionado ao Vem Pra Rua - significativo compartilhamento no dia 17 de jun. de 2013

Os fantasmas projetados nas paredes do Congresso Nacional, nas Figuras 05 e 06, são fantasmas em carne e osso, que vivem as dificuldades econômicas e políticas do país e que não se sentem mais ‘representados’ por quem eles elegeram. Por isso mesmo, das manifestações que ganharam as ruas e praças do Brasil, foram para o Congresso e Planalto, símbolos do poder e da democracia brasileira, conquistado com muita luta pelo povo, depois do período de governo ditatorial. As sombras projetadas no prédio remetem ao mito da Caverna de Platão, mas só que nesta versão, o povo parece ter a consciência da verdade e da importância de sua luta para mudar a realidade. As duas imagens são muito emblemáticas da luta que tomou conta do Brasil. Certamente se o governo tivesse ouvido mais o clamor das ruas, talvez não tivesse ganho proporção o movimento pelo Impeachment do Governo Dilma, protagonizado, inclusive por partidos e políticos da direita, os mesmo que serviram de sustentáculo ao Governo ditatorial dos presidentes militares, a partir de 1964, no Brasil.



Figura 07 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento no dia 17 de junho de 2013
 Figura 08 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento no dia 19 de junho de 2013
 Figura 09 – Post relacionado ao Vem Pra Rua com significativo compartilhamento no dia 26 de junho de 2013

Em outros *posts*, o Mídia Ninja mobiliza, por meio da fotografia, três cenas que fizeram parte da cobertura de praticamente todos os meios impressos de comunicação no Brasil. Novamente, revela as multidões em manifestação nas grandes cidades (Figura 07). Nos dois *posts* seguintes (Figura 08 e 09), chama-se a atenção para atos de depredação e o clima de guerra nas cidades, evidenciando fogo, fumaça, ações baderneiras e combates nas ruas. As imagens, de certa forma revelam que o país estava vivendo o caos e, no geral, tal visão foi compartilhada por toda a mídia impressa, digital e eletrônica. Claro que os meios de comunicação comercial tocaram mais “fogo” na situação como forma de desestabilizar o governo Dilma, utilizando-se como justificativa acabar com a corrupção política. A revista *Veja*, por exemplo, tomou partido e desde o início do episódio buscou o fim do Governo Dilma, as outras revistas (*IstoÉ* e *Época*) também reforçaram esta ideia. O mesmo fez a *Globo*, a *Bandeirantes* e outros canais de televisão. Apesar do Mídia Ninja representar uma alternativa a esta cobertura (sua preocupação era expor o acontecimento), as imagens acabaram, também, alimentando esta perspectiva de que estamos “Sem Governo”.

4. Considerações Finais

Embora tenha se constituído como uma alternativa jornalística, o Mídia Ninja, na cobertura do *Vem Pra Rua* evidenciou em suas páginas os mesmos tipos de fotografias publicadas pela grande mídia. A página do Facebook não “editorializou” o conteúdo como por exemplo, as revistas nacionais *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, trabalho realizado pelos autores deste texto e apresentado no Intercom Sul 2016, evento realizado em Curitiba, sob o título “A Cobertura do *Vem Pra Rua* pelas Revistas Nacionais em 2013: uma análise das capas”.

Convém salientar que na atual pesquisa o objeto continuou sendo o mesmo - o Movimento *Vem Pra Rua*, iniciado em junho de 2013 -, pela relevância de se constituir como a primeira manifestação que aliou o relacionamento ‘virtual-concreto’, ou seja, da internet às ruas, que ganhou manchetes e repercussão nacional e internacional como um dos eventos mais importantes da história do Brasil recente. O povo foi às ruas protestar contra os governos, contra os preços e contra a corrupção. Torna-se importante investigar como foi a mesma cobertura em outros meios, pois esse conjunto de pesquisa poderá propiciar uma visão mais amplificada desse fenômeno que teve grande influência nos demais protestos que se sucederam no Brasil, no período de 2013 a 2016, como, por exemplo, a pressão sobre o Congresso Nacional para a deposição de Dilma, do Presidente do Congresso e

Senado Nacional. O Impeachment de Dilma, a renúncia Eduardo Cunha e os processos contra o Presidente do Senado, o próximo da vez, por improbidade administrativa, corrupção. O cenário político brasileiro está passando por significativas transformações. E, o dínamo de toda essa transformação na esfera política, judicial está nesse movimento que começa em 2013 e que tem ajudado o Brasil a repensar as formas de governo e de financiamento das campanhas públicas. Contudo, não se pode ser ingênuo. Por trás desse movimento de ‘transformação’ existem empresas, políticos e instituições interessadas no jogo, com vistas a assumir o poder no país. O povo que foi ‘pra rua’, que protestou, que saiu de suas casas levantando bandeiras em favor da justiça e da democracia no Brasil, pode novamente ficar aliado do processo de decisão, que segue como prerrogativa dos partidos e políticos que têm em suas mãos o “direito” de decidir pelas massas.

Considera-se importante o aprofundamento de estudos sobre todo esse fenômeno, estabelecendo-se comparações e análise mais aprofundada do papel da mídia nesse episódio de transformação política do Brasil. O estudo sobre o movimento “Vem Pra Rua” é relevante para a área da comunicação, no intuito de compreender quais os critérios jornalísticos que balizaram as escolhas editoriais nessas vitrines de conteúdo. Esse estudo exploratório, de abordagem qualitativa, indica que são muitos os questionamentos e discussões que essa temática apresenta e, por isso, será motivo de estudos posteriores.

5. Referências

- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BUITONI, D. S. **Fotografia e jornalismo**: a informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 1994.
- FIRMINO D.S., F.; ALVES R., A. Jornalismo em mobilidade: redes sociais e cobertura de protestos “ao vivo” e da rua. In: BARRETO, E. et al. (orgs.). **Mídia, tecnologia e linguagem jornalística**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014. 231p.
- GABRIEL, M. **Educar**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.